

Evangélicos na Amazônia: religiosidades em Paraíso do Murinin, Benevides/PA¹

William Costa da Silva²
Dra. Marina Ramos Neves de Castro³
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

Durante a pandemia de COVID-19, as relações sociais foram impactadas e medidas de distanciamento social foram implementadas para conter a propagação do vírus. Isso levou ao fechamento de locais não essenciais, incluindo igrejas e afetando a vida religiosa. Este resumo dá o pontapé para refletir sobre as interações e experiências religiosas de evangélicos durante e após a pandemia. A pesquisa será realizada por meio de observações participantes e entrevistas abertas, para identificar as práticas criadas pelas igrejas para manter as dinâmicas de culto, descrever e interpretar as experiências de fé pós-pandemia e analisar os processos comunicativos emergentes. O foco é entender como a pandemia afetou a vivência religiosa dos evangélicos de Murinin, em Benevides, região Metropolitana de Belém, no Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Evangélicos; Murinin; Comunicação; COVID-19

CONTEXTO

Inseridos de forma vigorosa no contexto brasileiro, os evangélicos⁴ vêm, nos últimos anos, ocupando diversos espaços sociais, especialmente na mídia, política e periferias, entre outros setores. Em 2020, o Datafolha apontou que os evangélicos constituem 31% da população do país, enquanto na região Norte esse percentual chega a 39%, refletindo um fenômeno significativo de conversão religiosa. No Pará, o último Censo do IBGE (Brasil, 2012) indicou que 27,13% da população declarava evangélica, acompanhando uma redução católicos, que passou de 73,8% 2000 em 2010 (Brasil, 2012). Embora os estejam defasados devido ao representam mudanças relevantes.

Desta maneira, não há como deixar de se atentar para essas mudanças e os impactos delas no cenário regional que perpassa a política, economia, sociedade, moral, ética e tantos outros elementos, valores e pressupostos sociais. Diante disso, vê-se o quão

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT18NO - Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM UFPA, e-mail: contato.wcosta@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, e-mail: marinacastro@ufpa.br

⁴ Segundo Cunha (2007), o termo “evangélico” está ligado e referenciado aos cristãos não católicos, assim como “crente”, o que é caracterizado por um processo de conversão ao protestantismo (p.13).

necessário estudar esses fenômenos religiosos, a fim de explicar, não só o que está, mas dialogar, inferir e tensionar os elementos para que se compreenda como eles se inter-relacionam em suas experiências intersubjetivas.

Amparada na perspectiva fenomenológica, a pesquisa segue um percurso metodológico que parte da observação participante, baseada em pesquisa qualitativa – que leva em conta as características dos fenômenos apresentados – e de natureza exploratória-descritiva, visando compreender os fenômenos com maior profundidade, adotando a etnografia.

Pandemia de COVID-19 e religião

Considerando a pandemia⁵ de COVID-19⁶, declarada pela Organização Mundial da Saúde como uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Do ponto de vista religioso, um “vírus mortal” gera múltiplas interpretações baseadas em narrativas bíblicas, que justificam o fenômeno sob essas lentes.

Com o aumento do contágio da COVID-19, o fechamento de igrejas tocou em um ponto sensível demarcado no artigo 5º da Constituição Federal Brasileira⁷, que garante os direitos e deveres individuais e coletivos relativos à liberdade religiosa. Mais do que julgar a intervenção do Estado nas instituições religiosas, é fundamental refletir sobre o contexto inédito da época e as medidas adotadas para proteger a população, e o impacto do distanciamento e restrições presenciais nos cultos.

Durante a pandemia, a internet potencializou a partilha da liturgia e a continuidade dos movimentos de fé, mantendo parte das atividades eclesiais. Essa experiência de relacionamento para além das paredes dos templos permitiu manter a presença de um Deus imanente, apoiada em narrativas bíblicas, testemunhos e cânticos.

O “ir” tornou-se inviável e desnecessário; os fenômenos passaram a se manifestar no “estar” mediado, quase sempre por tecnologia, desde que o distanciamento permitisse. Formas de culto e diálogo com os fiéis foram ressignificadas, com a comunicação funcionando como ponto de convergência no distanciamento. A

⁵ Refere-se ao termo pandemia, o momento em que uma doença já está espalhada por diversos continentes e sendo transmitida continuamente entre as pessoas. FioCruz - O que é uma pandemia. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em 19 fev. 2024.

⁶ Ministério da Saúde – Covid. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 19 fev. 2024

⁷ Constituição Federal Brasileira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 set. 2023.

sociabilidade, antes presencial, possivelmente se tornou digital, incorporando novos elementos nas conexões entre indivíduos.

Nos meandros dessas interações e vínculos afetivos, surge um novo cenário com possibilidades de experiências inéditas, materializadas ou não, em rede ou mediadas pelas TICs, demandando atenção aos fenômenos comunicacionais e seus desdobramentos. Diante dessa perspectiva complexa, a questão inicial deste estudo busca compreender os fenômenos comunicacionais revelados na experiência intersubjetiva religiosa entre evangélicos do distrito de Murinin.

O campo da pesquisa: Paraíso de Murinin

Murinin é um bairro da cidade de Benevides, na Região Metropolitana de Belém, localizado no mesmo ramal que passa por Benfica, a rodovia estadual PA 404. Nesse trecho concentra-se a maior densidade populacional e as principais ofertas de comércio e serviços, como casa lotérica, agência do banco Banpará, subprefeitura, escolas estaduais de nível médio, posto policial, garagem e ponto final da linha de ônibus, provedores de internet e Unidade de Urgência em Saúde 24 horas. Há também feiras, supermercados, açougues, farmácias, materiais de construção, bares, restaurantes e outros. A economia local gira em torno do comércio, serviço público e exploração madeireira.

De acordo com Farias (2016), o nome do bairro é um dos poucos nomes indígenas femininos preservados na oralidade, embora sem muitos registros institucionais. Entretanto, no contexto indígena, a narrativa mais comum remete à índia especialista na manipulação de barro que vendia e consertava utensílios para os moradores, a guerreira Tupinambá Murinin.

No âmbito religioso local, eventos relevantes envolvem tanto os católicos, como a organização da vila de Benfica, quanto os evangélicos, que possuem forte presença em Murinin. Nas narrativas locais, os trabalhos missionais evangélicos começaram pelo rio, aportando na área da Tapera, onde realizavam reuniões e cultos nas proximidades.

A igreja evangélica Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin (IEAD) construiu seu templo sede em grande parte do terreno onde está localizado o igarapé de onde a índia Murinin produzia utensílios de barro. Há também relatos de disputas de poder entre evangélicos e católicos em certas áreas do bairro.

Relataram-me que os católicos não podiam realizar procissão a partir da capela de Santana (primeira comunidade católica de Murinin, localizada no antigo fim da linha), pois a partir desse ponto o local era habitado por muitos evangélicos que se incomodavam com manifestações religiosas. Entretanto, no dia a dia, o convívio era pacífico, e as pessoas conviviam normalmente, independentemente de seus credos. Com o tempo e com o diálogo constante entre a educadora e a comunidade não católica, esse incômodo foi diminuindo (Farias, 2016, p. 146).

Outro episódio relacionado à religiosidade evangélica é a mobilização para a construção do primeiro templo sede da IEAD, que possibilitou a abertura da avenida Martinho Monteiro, trecho da rodovia PA 404 que, à época, era frequentada apenas pelos “crentes”, em uma disputa com os católicos locais (Farias, 2016).

Outro elemento evangélico é a associação do nome “Paraíso” ao de Murinin, que, segundo Farias (2016, p. 162), foi um codinome dado pelo pastor Manoel Trajano — hoje nome de uma escola municipal — quando esteve à frente da IEAD. A igreja é muitas vezes apresentada como Assembleia de Deus em Paraíso de Murinin, tendo iniciado suas atividades na localidade em 1939.

No campo, entre vivências, conversas e narrativas, observamos que as memórias emergem da interação — seja no cumprimento com “bom dia”, na vocalização de “ei” ou “ui”, ou ainda no “a paz do Senhor” — deslocando-se em direção ao comum, ao mundo da vida, à experiência de proximidade e ao selo na memória do “eu te conheço”, evidenciando que esses elementos linguísticos fomentam a conexão.

Desse ponto, em diante, o autor convida o senhor Osvaldo Cavalcante, nascido no dia 8 de janeiro de 1943, que, vindo de Icoaraci (Belém-PA), solteiro, chega a Benfica em 1971, após um acidente que o deixa paralítico, e fica sob os cuidados de amigos. Em 1972, evangélico, parte para viver no Murinin, sob os cuidados dos irmãos da IEAD, atuando por 45 anos em diversas funções eclesiais e morando por anos, nos fundos do prédio antigo da igreja.

Conhecido como irmão Vavá, Osvaldo foi ouvido pelo autor numa manhã ensolarada de quarta-feira, 7 de fevereiro de 2024, véspera do carnaval, em sua casa de alvenaria gradeada, construída em 2008 com recursos próprios e da IEAD. A residência situa-se em terreno nos fundos da nova edificação principal da igreja, separadas pelo

igarapé do Pequiá, atualmente inexistente, restando apenas um córrego que canaliza o esgoto doméstico dos moradores próximos.

Profundo conhecedor da igreja, Vavá já esperava o autor para a entrevista, informado pelo interlocutor Marcus Douglas Monteiro, como neto da irmã Lucimar, frequentadora por anos da Assembleia de Deus e atualmente membra da Primeira Igreja Batista em Murinin, recebendo o pesquisador com a saudação “A paz do Senhor!”.

Após alguns minutos, Vavá apareceu, lutando para vestir a camisa, mas segurando dois papéis que considerou importantes para a pesquisa: um histórico breve da IEAD, digitado e impresso em folhas brancas, e outro, em folha verde, datilografado, que relata o início das atividades da igreja, além de apresentar o topônimo Murinin, sua história e a atualização do nome da localidade, escrito por ele.

O documento histórico, não apenas retoma o relato de Siqueira (2014), mas contextualiza os primeiros cultos realizados na comunidade de Murinin, inicialmente na área da Tapera; destaca a proeminência da família Monteiro na região; relata a construção da rodovia que atravessa o distrito; e detalha o início da edificação do templo para cultos, apoiado politicamente por um vereador evangélico e membro da igreja. Ainda aborda o reconhecimento da família Monteiro em nomes de ruas da comunidade, incluindo a PA 404, no trecho conhecido como “Martinho Monteiro”, além da adição do prenome “Paraíso” e a simplificação do nome “Murinin” para “Paraíso do Murini”, respeitando a fonética indígena tupi.

Um pouco apreensivo, Vavá conduziu o momento relatando diretamente sobre a igreja à qual tem profundo apreço, o que provavelmente o motivou a aceitar o convite inicial feito pelo interlocutor. Ao apresentar prontamente um documento histórico, deu ênfase à fonética, destacou o nome do ex-vereador de Benevides, Melquíades Lima, ressaltou a confluência familiar e o reconhecimento à família Monteiro, bem como a organização do nome da comunidade.

O registro aponta que o primeiro culto evangélico ocorreu em 14 de abril de 1939, marcando o início da Assembleia de Deus em Murini. O documento elimina o “n” do topônimo. Resgata os primeiros locais de culto e apresenta a professora Ruth Guimarães, que batiza a escola estadual da comunidade. Além disso, destaca a demanda política para a nomeação das ruas ligadas à família Monteiro e a adoção do pronome “Paraíso” junto ao nome Murini, renomeando a localidade como “Paraíso em Murini”.

CONSIDERAÇÕES

Guardião da memória e da história dos evangélicos assembleianos de Murinin, o autor ouviu os relatos iniciais de Vavá sobre a igreja e, direcionando a conversa, pediu que ele compartilhasse sua história de vida, que será desenvolvida ao longo da tese.

Irmão Vavá reside e frequenta a Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin há 52 anos. Além dele, a senhora Francisca Costa Farias, nascida em 3 de julho de 1924, converteu-se ao evangelho aos 7 anos, em 1931, e aos 22 chegou a Murinin, vinda de Icoaraci (Belém), integrando os movimentos iniciais de evangelismo na localidade. Aos 100 anos, aposentada e lúcida, a conhecida irmã Chica, também chamada Chiquinha ou Francisca, foi convidada a contar sua história.

Para o autor, a relação com Murinin atravessa a vida: da infância na casa dos avós, das conversas ao entardecer na frente de casa, dos banhos nos igarapés, do “se arrumar” para ir à igreja aos domingos, até a formação acadêmica e as experiências socioeconômicas e religiosas vivenciadas. Trata-se de um recorte de vida atento às histórias, significados, narrativas e relações de afeto.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Prefeitura. **História de Benevides**.

<http://www.benevides.pa.gov.br/pagina/47>. Acesso em 28 ago. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2010: características Gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. IBGE: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2GOYmAR>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG)**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/Acesso> em 28 ago. 2023.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad e Instituto Mysterium, 2007. 231 p.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha**, 2020. Poder UOL. Disponível em: <https://encurtador.com.br/akIOR>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Antropologia linguística & etnografia toponímica: vivências e narrativas em linguagens socioculturais de Murinin – Benevides - Pará**. 2016. 215 f. Tese – UFPA, IFCH, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.